
Zamara Araujo dos Santos (zamaraa@hotmail.com). UESB. **[PENSAMENTO E GEOFILOSOFIA EM DELEUZE.]** A história do pensamento parece se desenvolver basicamente sob dois pólos. Num pólo, o pensamento se encontra subordinado a um fundamento incondicional, supra-sensível. Noutra, circunscreve um quadro de categorias que atravessam todo um modo de pensar que, de Descartes a Hegel, tem como princípio a relação sujeito-objeto. Ainda que esses dois pólos operem sobre princípios distintos, ambos, porém, promovem uma imagem dogmática do pensamento. De um pólo a outro o pensamento não ultrapassa o exercício e materialização de uma faculdade em que a verdade é o que ele procura como uma idéia a priori a despeito “da hora e do lugar”. Nesse caso, contra as forças reais e potenciais, se relaciona o exercício do pensamento a um conceito indeterminado, inerte, alheio ao meio do qual é erigido e produzido. No rastro dessa análise, Deleuze apresenta um outro problema. Pensar inclui um plano de imanência, perfila um solo de tensões advindas de forças estranhas, externas, terrenas e corpóreas. O pensamento, então, tem antes uma geografia, se orienta menos pelo artifício de um método do que por uma ambiência, um meio de imanência que se refere à terra e ao território. Desse modo, ele não ocorre fora das ramificações das forças exteriores que o pressupõe e o conduzem, portanto, pressupõe condições externas, suas exocondições, cujas forças moleculares recobrem duas zonas de indiscernibilidade em que os territórios marcam seus movimentos, suas rupturas à medida que absorve a terra num movimento de contra-efetuação de desterritorialização e reterritorialização. No presente trabalho, pretende-se compreender essas exocondições do pensamento que delineiam e consagram a Geofilosofia apresentada por Deleuze e Guattari.

Zeljko Loparic. PUCRS. **[O PROJETO CRÍTICO DE KANT.]** Numa parte introdutória, o presente trabalho reapresentará a tese, exposta em vários trabalhos anteriores de minha autoria, de que o projeto kantiano se iniciou na primeira Crítica com a seguinte pergunta: como são possíveis os juízos sintéticos a priori teóricos? Essa pergunta, considerada por Kant a “tarefa geral” ou “principal” da filosofia transcendental, pede que sejam determinadas as condições nas quais os juízos desse tipo, tanto filosóficos como científicos, possam ser ditos objetivamente válidos. Em outras palavras, pede-se que sejam assegurados o significado dos termos a priori teóricos e as condições de verdade dos juízos a priori teóricos no domínio de interpretação constituído por objetos da experiência representacional possível. Sendo assim, a lógica transcendental de Kant, forma inicial da sua filosofia transcendental, pode ser interpretada como sendo, no essencial, uma teoria a priori do significado e da verdade, isto é, como uma semântica transcendental. Numa segunda parte, o trabalho estuda a maneira como Kant estendeu o seu programa da crítica da razão pura aos juízos sintéticos a priori pertencentes aos domínios não-teóricos do discurso filosófico. Será mostrado, de maneira esquemática, como surgem e como são respondidas as perguntas pela possibilidade dos juízos sintéticos a priori morais, estéticos, da doutrina do direito e da virtude e os da história, dando-se atenção especial à multiplicidade dos domínios de interpretação e à consequente modificação do sentido do conceito de validade objetiva. Essas considerações fornecem evidência conclusiva de que a semântica transcendental dos juízos sintéticos a priori em geral é um componente central da filosofia

transcendental, concebida não apenas como lógica transcendental, mas no sentido ampliado, como conjunto de resultados obtidos por Kant no decorrer da ampliação progressiva do seu programa da crítica da razão pura.

Zionel Santana (zionelsantana@bol.com.br). UGF/RJ. [O PAPEL DE NIETZSCHE NO PROJETO HABERMASIANO DE SUPERAÇÃO DO PARADIGMA CARTESIANO.] A comunicação pretende mostrar que o pensamento de Nietzsche não constitui apenas a plataforma giratória para a superação da razão moderna e a entrada na pós-modernidade. Muito mais do que isso, Nietzsche e, inclusive, Heidegger, fornecem elementos substanciais para a configuração da teoria da razão comunicativa, habermasiana. Nietzsche desafia o racionalismo do paradigma cartesiano ao colocar em relevo o papel fundamental exercido pela esfera preconceitual na conceitual. Ao passo que Habermas trabalha com a idéia de uma superação crítica e dialética do paradigma monológico da modernidade sem abandonar as trilhas da razão. E nesse trabalho, a obra de Nietzsche desempenha um papel fundamental notadamente como folha de contraste.